REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1045

10 de Janeiro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. JOÃO DA CAMARA

(Cliché Bobone)

Chronica Occidental

Tem estas chronicas tido sempre uma indole muito sua, que não convém modificar. Deu-lhes essa indole, ao creá-las, Guilherme de Azevedo, num tempo em que os acontecimentos que as entreteciam eram muito outros, bem mais desafogados de tristesa que os de agora, e em que de melhor grado se aceitava tudo quanto não fôsse graça pesada e alguma graça tivésse.

Guilherme de Azevedo espalhava graça por cornucopias de abundancia, e cada uma d'estas chronicas, no tempo d'elle, era uma das suas cornucopias. Seria isso d'elle, ou seria isso dos tempos? Era uma coisa e outra. Era muito d'elle e era muito dos tempos. Do todo, resultava aquillo de que sempre se lembram com saudade os amigos do Occidente que desde o seu principio o acompanharam até hoje, e de que vão lembrar-se d'aqui por deante com muito maior saudade ainda: era uma esfuziada de casos infinitamente comicos, que um rastilho de ironia e humorismo mordente ia fazendo explodir uns nos outros, estralejando e esparrinhando na atmosfera as mil combinações da fantasia de um pyrotechnico do espirito, como elle era.

A receita, ou preceito para bem fazer estas chronicas, deixou-a elle a Gervasio Lobato, quando partiu para Paris, onde foi viver — ou antes onde foi morrer. Mas já Gervasio, que era capaz de fazer rir as pedras, se o deixassem dizer ás pedras o que a sua incomparavel imaginação creasse, não poude executar a receita com pericia egual á do mestre. *On devient cuisinier, mais on naît rôtisseur.*

Dizia assim a receita: «Para fazer uma d'estas chronicas toma-se uma meia duzia dos ultimos acontecimentos, tira-se-lhe bem a casca...» E aqui estava, logo de entrada, a difficuldade insuperavel: Gervasio não podia cingir-se aos casos da vida real para pôr em actividade a sua poderosa veia comica. A melhor prova d'isto está no facto de nunca elle ter feito para o theatro uma revista do anno, quando parecia que tudo nelle seria aptidão para trabalho d'esse genero. Chronista do Occidente foi por largo tempo, e sempre muito a contento de quem o leu. Mas faltava-lhe, para o tempero, aquelle mesmo paladar de quem lhe deixára a receita.

Veiu depois D. João da Camara, e as Chronicas Occidentaes, a elle entregues, tiveram novo sabôr, sem todavia perderem a primitiva feição. Esse, que não era um motejador, não poderia imprimir-lhes o motejo; mas deu-lhes muito d'aquillo que tanto tinha, e que, sendo embora coisa bem diversa, compensou no gosto de quem aqui o leu a falta do que mais havia em Guilherme de Azevedo e em Gervasio Lobato. Refiro-me ao sentimento — esse sentimento que animou todas as suas grandes como pequenas obras.

Não foram então estas chronicas tão engraçadas como d'antes eram; mas tornaram se graciosas, o que ainda não tinham sido. Ganharam com isso? Não. Mas tambem não perderam. Mantiveram-se, como convinha, no mesmo pé de distincção. E neste simples facto está, precisamente, o melhor elogio que o Occidente poderia desejar ver tecido ao redor dos seus chronistas: se perguntarem a quem habitualmente sempre o tem lido qual d'elles, porventura, preferiu aos outros, por nenhum d'elles haverá manifesta preferencia. Porque todos souberam agradar, equivalendo-se.

Que, quanto a mim, por pouco, ou quasi nada entra na graça, ou falta de graça, e no sentimento ou falta de sentimento que a chronica possa ter, o modo de ser de quem a faça. Os acontecimentos, afinal, é que são tudo. Para se fazer um empadão de lebre, a primeira coisa que se precisa ter é a lebre.

Se ha creatura que tenha de andar toda a vida á mercê dos acontecimentos e ao sabor d'elles, é o chronista. Se os casos são para rir, ha que rir. Se são para lastimar, ha que lastimar. Quem está de fóra não imagina o que isto é. E quando acontece que o mesmo caso tanto se presta á galhofa como á lastima, e tem o chronista de se haver com elle por uma maneira e p'la outra?

Não vamos mais longe, que o caso bom para exemplo está a ouvir-nos.

Até ha poucos dias, quando era preciso falar do Sr. João Franco, não havia alegria que resistisse, e até o proprio céo se annuviava. O chefe do Governo tinha querido crear em volta da sua pessoa e do seu nome uma atmosfera pesada de temor, e havia-o conseguido com relativa facilidade. Alguns tiros certeiros de revolver, uma boa duzia de espadeiradas puxadas a preceito, tinham chegado perfeitamente para isso. Já ninguem sabia onde havia de metter-se e a confusão, num dado momento, foi tal, que se o Sr. José Luciano não chama os seus correligionarios para sua casa, e o Sr. Julio de Vilhena os d'elle para casa do Sr. Conde da Folgosa, por não poder mettê-los a todos no coração, lá iam progressistas e regeneradores d'embrulhada refugiar-se no seio do Sr. Bernardino Machado, que já lhes estendia os braços paternaes e lhes abria o melhor dos seus sorrisos maternos — no dizer de quem um dia d'estes o comparou ao pae-mãe da Republica.

Obtido o effeito, e convindo-lhe então attenuar as causas, o chefe do Governo entendeu que era chegado o momento de começar a cuidar um pouco, verdadeiramente, da sua popularidade, medindo essa necessidade pela aproximação das eleições. Foi neste momento que um redactor da *Illustração Portuguesa* o procurou em sua casa para lhe pedir tambem uma entrevista e algumas poses deante d'uma machina fotografica.

Caiu esse redactor no animo do Sr. João Franco como cae a sopa no mel; e a comparação é, neste caso, duas vezes feliz, porque nem o jornalista podia ser mais opportuno, nem o presidente do Conselho podia ser mais dôce.

A sensação que produziu a entrevista foi grande, como se sabe, e como era de esperar.

Nós só conheciamos o Sr. João Franco, a falar a verdade, por fóra, e louvando-nos só no que d'elle diziam os jornaes de Londres. Todos tinhamos a impressão de um Sr. João Franco para inglês ver, e ainda mesmo depois de haver El-Rei affirmado ao redactor do *Figaro* que o seu primeiro ministro não era nada d'aquillo que se podia suppôr, ainda mesmo assim — que nos perdôe El-Rei! — o nosso pensar não se modificara. Ora, o artigo da *Illustração*, corroborado pela fotografia, mostrou-nos o Sr. João Franco, a quem nós só conheciamos por fóra, tal como elle é, por dentro: affectivo, alegre, despretencioso, *bon-enfant*.

Nós haviamos imaginado sempre Sua Excellencia um terror, e Sua Excellencia saiu-se-nos um mimo. Tinhamo-lo tomado por um condor, e tivémos de acceitá-lo como gallinaceo. Como toda a gente se habituara a vê lo sempre p'lo lado do direito (sem calemburgo, está claro) ninguem já podia suppôr que elle tivésse avêsso. E tudo isto foi, enormemente, uma enorme revelação!

De modo que, d'orávante, o que ha-de fazer a chronica quando tiver de se occupar do Sr. João Franco, no dia seguinte áquelle em que Sua Excellencia dê ordem ao Sr. Major Dias para desembainhar a sua espada, e grite ao Sr. Malaquias de Lemos para que enterre mais as esporas na barriga do seu impetuoso cavallo?

Ha de porventura a chronica cobrir de imprecações o chefe do Governo e pedir a Jupiter que despeça sobre elle alguns dos seus raios, que são dos que mais partem?

Estas e outras difficuldades tornam necessariamente desarrasoado ainda o mais meditado commentario que se pretenda fazer aos acontecimentos d'hoje. D'antes, sim, que as coisas eram o que eram, e os homens o que pareciam ser. Hoje, nem as coisas são o que são, nem os homens o que parecem.

Nem os homens, nem as mulheres. Quem poderia suppôr, por exemplo, que a actriz Mercêdes Blasco, tida por quasi toda a gente como bohemia incorrigivel, havia de apparecer-nos um bello dia, sob o aspecto emocionante de muitas das paginas do seu recente livro? Com certeza que não hão-de faltar a estas *Memorias de uma actriz* os commentarios aguçados das collegas, crivando-a de pontas de alfinetes como se fôra uma pregadeira; mas a verdade é que, digam o que disserem, espetem os alfinetes que lhe espetarem, ha-de ficar-lhe sempre n'este livro a virtude de ter sido sincera e o predicado de saber ser humana, que é o que mais nos revelam as suas memorias, e o que menos costumam revelar-nos, tanto no palco como na vida real, muitas das suas depreciadoras d'este instante.

Mercêdes Blasco póde, de algum modo, ser comparada a Raku, o rei da lucta, que tem chamado ao Colyseu dos Recreios Lisboa em peso. Este Raku, japonês, começou por offerecer duzentos mil réis a quem o vencesse na lucta em que elle ganhou a reputação de incomparavel, e em que é emerito. Quem quizésse apanhar-lhe os cumquibus logo houve muito; mas, até hoje, ainda nenhum dos valentes que lhe deitaram os braços á cintura poude agarrá-lo ao geito dos duzentos mil réis.

A' semelhança de Raku, a actriz Blasco, que é tambem luctadora emerita, tem levado toda a sua vida a desafiar os revezes, e a apostar com elles, sem que nenhum podésse ainda empolgá-la devéras. E' que ella possue, como o japonês, o segredo d'um outro *jiu-jitsu*, todo em golpes de desprendimento e de audacia.

Ainda um outro genero de lucta que parece obedecer a regras muito parecidas com as do *jiu-jitsu* é o que estamos presenceando entre o Governo e os partidos da opposição. O Governo convidou os partidos para a lucta, offerecendo-lhes eleições. Evidentemente, um governo que tão bem se sente dentro da dictadura só se sujeita ao acto eleitoral que ha-de pôr-lhe um parlamento á perna quando tem a certeza de que não perde as eleições. Todavia, a lucta trava-se, e já vae renhida. Mas se o Sr. José Luciano não chama Raku em seu auxilio, e se o Sr. Julio de Vilhena não desdobra a chefia em D. Mercêdes Blasco, Deus nos acuda, que então é que já nos não vemos livres do *jiu-jitsu* do Sr. João Franco!

Alfredo Mesquita.

A D. JOÃO DA CAMARA

Sei que morreste a murmurar baixinho,
Em musical e religiosa unção,
Os teus versos de amôr e de carinho,
Como piedosa e ultima oração...

E a tua voz, sentimental Velhinho,
Numa luminosissima ascensão
Foi implorar a Deus o Bom Caminho..
E assim adormeceste o coração.

Mas, (ai! que enorme a tua dôr!) se um dia,
(Cobrando alento a tua carne fria,
Fulgindo em teu olhar ardentes lavas,)

Visses os pobres que adoraste tanto:
Mãos estendidas, derramando pranto,
A' espéra das esmólas que lhes davas!...

Mario Beirão

APARTAMENTO

Chega a gente a uma edade em que não conversa senão com sombras. E que conversação mais grata poderei eu achar entre os vivos do que aquella que de hoje para o futuro — quero esperal-o — hei-de ter com a doce e nobre alma de João da Camara? D'antes, era n'essa convivencia affectuosa e nunca ensombrada, n'esse roçar frequente dos nossos dois espiritos, que na lisura da sua bondade se boleavam as asperas arestas do meu. Deixem-me por piedade crêr que o mesmo succederá ainda; não sangre meu coração, alanceado pela duvida; que a grande alma do poeta mergulhe a minha n'um banho suavissimo de fé... Ah! quanto me custará viver, se d'além tumulo elle não poder mitigar as minhas maguas, dissipar meus desalentos, apaziguar minhas revoltas!

Pedem-me poucas linhas de homenagem a esta memoria estremecida. E eu falo tanto de mim como d'elle, e com lagrimas escrevo. Que querem? Eu não posso separar as nossas duas personalidades, fraternalmente unidas tantos annos na mesma ancia do Bello e do Justo, que nem divergencias de crença nem competencias litterarias apartaram jámais. Havia no publico ingenuo de theatro uma certa confusão, toda vantajosa para mim, entre os nossos dois nomes.. Dar-se-ha caso que tambem nos confundisse a Morte?.. Certo é que eu nem mesmo distingo se é por mim, se é por elle que choro!

Henrique Lopes de Mendonça.

MORTO!

Morreu João da Camara. Expirou.
Soluça a Idéia, ante a fatal certeza.
Traja crepes o Genio, que o fadou.
Está de luto a Alma portugueza.

2—1—908

Fernando Mendes

D. JOÃO DA CAMARA

Não sei o que n'elle devia estimar-se mais, se o seu espirito, se o seu coração.

Da grandeza do seu espirito dão bom testemunho as obras litterarias, que deixou e que todos podem admirar; da excellencia do seu coração, apenas sabem os que o trataram de perto e estremeceram uma das creaturas de maior bondade que teem vivido n'este mundo, em que os maus formam a maioria.

De perto e por muitos annos o tratei, e nunca lhe vi um assomo de mau humor ou de impaciencia. As suas palavras eram capazes de apasiguar o mais insoffrido. Nunca o odio, a inveja, ou qualquer paixão ruim se desentranhava d'aquella alma, incapaz de sentil-as.

Muitos e muitos dias trabalhámos juntos. Ás vezes o trabalho era fatigante, enfadonho, exhaustivo. E elle então?... Encarava-o alegremente e incutia-nos coragem. Foi assim que a obra caminhou e que ficaram promptos, no praso improrogavel, os nossos livrinhos. — Pois n'esse tempo já o atormentava cruelmente a doença que tão cedo havia de matal-o. Nem por isso havia escutar-se-lhe um queixume, entrever-se-lhe um movimento a denunciar irritação ou desespero.

Como eu, portanto, comprehendi a grande manifestação dolorosa que foi o seu enterro! Era espanto que muitos olhos se molhassem de lagrimas e que em nenhum deixasse de transparecer a profunda tristeza das magoas sem remedio?... Bella e commovente manifestação, susceptivel de reconsiliar com a humanidade os seus mais ferozes detractores, e de inspirar-lhes para com os outros homens — por um momento sequer — os affectuosos sentimentos que trasbordaram sempre do grande coração, ha pouco immobilisado pela morte.

6, janeiro, 1908.

Maximiliano de Azevedo.

CASUAL ENCONTRO

Alem do que devem á memoria de D. João da Camara todos os seus amigos, pela bondade, pela poesia, pelo talento, pela doçura, que tão liberalmente elle difundiu na terra, eu devo-lhe, ainda por cima, dez tostões.

Foi no tempo em que eramos ambos moços. E' certo não ser elle rigorosamente da minha geração. As nossas edades juntas sommariam porem, nessa época, tres virentes primaveras. E' a isso que eu chamo agora — a flor da juventude.

Tinhamos, um e outro, o culto das velhas tradições portuguezas, os gôstos singelos, o estomago rijo, a gastronomia facil. Um e outro celebravamos, de quando em quando, liturgicamente, a cerimonia consuetudinaria da ceia nacional. Inutil pormenorisar que se não envolvia para elle num misterio de lenda — nem para mim tampouco — a famigerada *desfeita* de bacalhau com grão, ruborisada de colorau, e sabiamente propinada á voracidade dos archeologos, e dos fadistas, nessa collina de Montmartre, denominada em Lisboa — a rua dos Cavalleiros.

De uma vez nos achamos, elle e eu, convidados a cear na baixella ducal do historico palacio do Rato, em prata brazonada ou nos esmaltes d'ouro dos mais preciosos Sèvres. *De angusta ad augusta!* Encontrando-o n'essa noite, de casaca e gravata branca, á sahida do theatro em que fiseramos horas, offereci-lhe logar numa tipoia que mandara vir. Aceitou benignamente, sentou-se ao meu lado, e proseguimos na conversação que encetaramos, envolvendo os problemas que mais preocupavam o seu espirito. Tratava-se dos enigmaticos caprichos da sensibilidade esthetica; da subtilesa rara e inexprimivel de certas coisas banaes de Lisboa; da psychologia dos mangericos, das rocas d'alfasema, dos pregões da rua, e da intensa e commovente expressão de vida synthetisada, que teem, nas madrugadas de verão, as simples bilhas de barro, envoltas n'um pano humido, sobre o parapeito de janellas entreabertas, em prédios ainda silenciosos e adormecidos, nas prosaicas ruas da Baixa.

Elle ouvia ou narrava, sempre de cabeça baixa para olhar por cima das lunetas, sorrindo em meio da sua barba inteira, de pastor biblico interpretado por Burn-Jones, bronchitico, vocalisando lentamente e baixinho, virgulando e compassando a frase com o gesto brando e explicativo da sua mão aberta, desguarnecida de punhos, suavemente adejante e mansa, quasi benedicente.

Ao chegar ao Rato apeou-se precipitadamente antes de mim, e num movimento capcioso e adunco, mais de quem furta que de quem dá, introdusiu rapidamente as pontas dos dedos na algibeira do collete, e com duas corôas pagou o cocheiro do muito meu noitibó! Inuteis, perante a sua intransigente e injustificada relutancia, todos os argumentos que empreguei para o reembolsar d'essa quantia. Tive de lh'a ficar a dever!

Diz-se geralmente que todos nós, escriptores de Portugal, não deixamos, morrendo, senão dividas. Lisongeio-me de haver mostrado que não é tanto assim... O que se conta da penuria da nossa classe são de ordinario favores, puros favores immerecidos, com os quaes a comiseração do publico se digna de beneficiar a gente, repartindo magnanimamente por cada um de nós — depois de morto — as mesmas pitadas de pó insecticida, que ainda hoje tão solicitamente se consagram á enxerga de Camões.

Ramalho Ortigão

O ultimo retrato de D. João da Camara
(Cliché Alberto Lima)

NÃO MORRESTE, NÃO!

A D. João da Camara

Tu não morreste, não, oh! grande sonhador!
Alma toda de luz, pura como o luar!...
Voaste ás regiões aonde acaba a dôr,
E seguirás, talvez, o teu louco sonhar;

Mas vives dentro em nós, bem como vive a Esp'rança,
Até findar a vida, até que a morte a leve.
Mas vives dentro em nós, n'um sonho de criança,
Tão casto como um lyrio e branco como a neve!

Tu não morreste não!... Embora sem alento,
Não deixas de existir em nosso coração.
. . . .
A Vida é só chimera e mais veloz que o vento,
A Morte, unicamente... *uma transformação!*

Ricardo de Souza.

D. JOÃO DA CAMARA

Descrevel-o na sua apresentação comedida é quasi traçar-lhe a biographia. Não o conheci na intimidade, nunca privamos familiarmente; porem dos fugitivos encontros, que tivemos, ficou-me gratissima memoria. Do seu exprimir se natural e sempre afavel, da sua palavra correndo brandamente como um oleo, concluia eu que a sua alma devia ser lisa e sem refolhos enganadores. Cá fóra, quem o visse vestido sem esmero, joelheiras nas calças, botas muito usadas, chapeu á banda apenas pousado na farta cabelleira, barba copiosa, a olhar por cima da luneta de tartaruga em quanto escutava espivitando o cigarro, mal diria ter ali o poeta da candura, o artista que vivia de enramalhetar a idéa. Parecia uma pessoa trivial e não era.

Até intellectualmente eu o conheci pouco, facto explicavel não só pela nossa differente indole litteraria, como principalmente por ser a sua maior producção para jornaes, revistas e para o theatro, onde eu o não podia acompanhar sempre, por ser, como sou, quasi um leitor de livros. Porem, onde quer que o encontrasse, na prosa, no verso, ou na palestra retinha-me aquelle ser affectivo, com o seu sorriso de flôr silvestre, que me consolava. No drama ou na comedia não tinha a arte de provocar convulsões de choro ou de gargalhadas; porque não lhe consentia o animo fazer soffrer ou alterar o coração de ninguem. O melhor do seu labor consistiria, por certo, no amaciar do sentir das personagens das suas peças de modo que d'ellas nos ficasse memoria de bom convivio. Devia ter egual antipathia pelo *tyranno* e pelo *farçante* grotesco, producções filhas da brutalidade do sentir. Por ser assim é que d'aquelle seu olhar sombrio sahia sempre o riso conciliador, a graça simples, como da noite resaltam luzitas d'estrellas, phosphorescencias de aguas maritimas, pyrilampos em caminhos desertos. Estes lumes é que dão á treva espirito de sociabilidade, tornando-a poetica e meiga, pois ninguem pode conceber a negridão cerrada e absoluta, sem arrepio de confrangimento. Assim João da Camara, de aspecto triste, talvez carregado pela muita barba, copiosa cabelladura e tez morena, quando nos olhava e sorria (ainda que não sorrisse) fazia-o por forma que parecia ter lá dentro uma lampada a tornal-o transparente. E tinha: era a lampada da sua alma accendida no coração.

Lisboa, 9 de janeiro de 1908.

Teixeira de Queiroz.

D. JOÃO DA CAMARA

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

Apesar de ser para mim extremamente honroso e muito grato collaborar n'este numero especial do Occidente, dedicado ao nosso querido e saudoso extincto, onde tão illustres estylistas pranteam, com lindas phrases repassadas de amargura, o passamento d'aquelle que um biographo classificou, mui acertadamente, de «uma joia, um poeta, um puro, um verdadeiro poeta, um sonhador, um idealista!»; nunca me passou pela mente, devido com certeza á humildade do meu nome, que o venerando director d'esta antiga revista se dignasse convidar me para tal fim. O encargo, porém, veio, e eu, confesso, não tive forças para fugir a elle.

Tenho de colligir os dados biographicos de D. João da Camara, e é com o coração verdadeiramente alanceado, que vou dar começo ao trabalho.

O anno de 1908 começou mal para as lettras patrias trazendo-lhe a irreparavel perda d'um dos seus mais notaveis cultores, pois o infausto acontecimento deu se na madrugada do dia 2 de janeiro corrente.

D. João Gonçalves Zarco da Camara, quinto filho do primeiro marquez da Ribeira Grande e oitavo conde do mesmo titulo, sr. D. Francisco de Salles Vicente Gonçalves Soares da Camara e de sua primeira esposa, a sr.ª D. Anna da Piedade Brigida Senhorinha Francisca Maxima Gonzaga de Bragança Mello e Ligne Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, filha dos terceiros duques de Lafões; nasceu no palacio de seu pae, á Jun-

D. João da Camara em atitude para a estatueta modelada pelo esculptor portuense sr. Silva Gouveia

Scena das Hortas — 1.º acto da ROSA ENGEITADA peça de D. João da Camara
(Clichés da Fotografia Fernandes)

Funeral de D. João da Camara

Os parentes de D. João da Camara conduzindo a urna funeraria, na sahida da capéla dos srs. Condes da Ribeira Grande
(Cliché Alberto Lima)

Autores e Actores no funeral de D. João da Camara
(Clichés dos srs. Alberto Lima e Benoliel)

queira, a 27 de dezembro de 1852. Era casado com a sr.ª D. Eugenia de Mello Breyner, filha dos segundos condes de Mafra, de quem houve sete filhos, os srs.: D. Vicente, medico; D. José Paulo, D. Thomaz Maria, estudantes; e as sr.as: D. Emilia, D. Anna Maria, D. Maria de Jesus e D. Maria Antonia.

Fez a sua educação no collegio de Campolide, na escola de Louvain (Belgica), no nosso Instituto Industrial e na escola Polytechnica, concluindo o curso de conductor d'obras publicas e empregando-se logo nos caminhos de ferro. Dirigiu a construcção das linhas de Carceres, Cintra, Torres Vedras e Cascaes e em 1888 foi nomeado chefe de repartição da Companhia Real dos caminhos de ferro do norte e leste, passando mais tarde, em 1900, a egual logar na direcção dos caminhos de ferro ultramarinos, cargo que exercia á data da sua morte. Era tambem director da escola da arte dramatica e professor da arte de representar (parte theorica) do Conservatorio Real de Lisboa e membro do conselho d'arte dramatica.

A sua predilecção pela litteratura começou a revelar-se quando ainda creança, não só pela leitura assidua a que se entregava dos melhores livros, como tambem por evocar as Musas produzindo poesias que eram já muito apreciadas. Merecia-lhe, porém, particular attenção o theatro e chegou a escrever, sendo ainda alumno de Campolide, uma peça intitulada *O diabo*.

Foi o inicio d'essa numerosa e notabilissima obra que passamos a descrever:

Nobreza, drama em 1 acto, representado no theatrinho do collegio de Campolide, no entrudo de 1873.

Charadas e Charadistas, monologo recitado pela mesma occasião.

Bernarda no Olympo, comedia em 1 acto, em prosa e verso, representada no mesmo collegio, no entrudo de 1874.

Ao pé do fogão, comedia em 1 acto, levada á scena no theatro de D. Maria a 19 de dezembro de 1876.

Os gatos, monologo em verso, recitado pelo actor Augusto Rosa em 1885.

Ganha-perde, comedia em 3 actos, representada no Gymnasio a 28 de abril de 1896.

O Oito, opera comica em 3 actos, com musica de Filippe Duarte, idem na Rua dos Condes a 24 de dezembro de 1896.

O Juizo Final, monologo em verso, recitado pelo actor Ferreira da Silva.

A Triste Viuvinha, peça em 3 actos, representada em D. Maria a 11 de dezembro de 1897.

O Beijo do Infante, peça em 1 acto, escripta a pedido do actor italiano Ermete Novelli e por elle desempenhada no theatro D. Amelia em 1898.

Meia Noite, peça em 3 actos, representada no D. Amelia a 6 de janeiro de 1900.

nho das Officinas de S. José, a 19 de maio de 1907.

De collaboração com Gervasio Lobato e com musica de Cyriaco de Cardoso fez representar:

O Burro do Sr. Alcaide, farça lyrica em 3 actos, no Avenida, a 14 de agosto de 1891.

O Valete de Copas, magica em 3 actos e 12 quadros, no mesmo theatro, em 1892.

O Solar dos Barrigas, farça lyrica em 3 actos na Rua dos Condes a 4 de setembro de 1892.

Cócó, Reineta e Facada, idem, idem em 1893. (Esta peça foi depois modificada por D. João da Camara, com o titulo *Bibi & C.ª*, e levada á scena no Porto e no Brazil pela companhia Taveira, que

A ULTIMA JORNADA

(Cliché Alberto Lima)

a veio representar a Lisboa, na Trindade, a 10 de outubro de 1902.)

O testamento da velha, idem, no Gymnasio a 12 de agosto de 1894.

Tambem com Gervasio Lobato, mas com musica de Francisco de Freitas Gazul, escreveu para o beneficio da actriz Candida Palacios, que se realisou na Trindade em 1892, a opereta em 1 acto *Os annos da menina*.

Com Gervasio e Lopes de Mendonça, com musica do fallecido maestro Marino Mancinelli, a farça *Zé Palonso*, representada a beneficio da Creche de Santa Eulalia na Rua dos Condes, no verão de 1891.

Com Lopes de Mendonça, Eduardo Schwalbach, Moura Cabral, Jayme Batalha Reis e Fernando Caldeira, com musica de Cyriaco de Cardoso, a farça *O Burro em Pancas*, levada á scena no Avenida, em 1892.

Com Delphim Guimarães a comedia em 3 actos *Aldeia na côrte*, representada em 1901.

Com E. Schwalbach, e com musica de Nicolino Milano, a opereta em 3 actos, *João das Velhas*, idem no Principe Real do Porto em 1901 e na Trindade em 1902.

Com Lopes de Mendonça, Moura Cabral e Julio Dantas, com musica de Filippe Duarte, a revista *A Aranha*, em prologo, 3 actos, 8 quadros e epilogo, dada no D. Amelia a 16 de agosto de 1902.

Isto quanto a originaes, pois tambem teve no theatro as seguintes traducções:

O Casamento de Olympia, peça em 3 actos, de Augier, vertida de collaboração com Gervasio Lobato, em D. Maria, a 15 de dezembro de 1893.

O Flibusteiro, drama em 3 actos, de Jean Richepin, em verso, no mesmo palco a 11 de maio de 1895.

O Amigo das mulheres, comedia em 4 actos, de Dumas filho, idem, a 30 de novembro de 1895.

A sorte grande, opereta em 3 actos, traduzida da peça de Roddaz e Douane *La Fiancée en Loterie*, com musica de Messager, na Rua dos Condes, a 30 de novembro de 1896.

O Fiscal dos Wagons Leitos, comedia em 3 actos, de Bisson, no D. Amelia, em fevereiro de 1899.

A Mordaça, drama em 2 partes e 8 quadros, de Pierre Decourcelle, no Principe Real, a 31 de dezembro de 1905.

Tanta bulha por tão pouco, adaptação da peça

ACOMPANHANDO-O ATÉ AO TUMULO

(Cliché Benoliel)

D. Brigida, comedia em 1 acto, em verso, representada no theatro Normal em 1885.

D. Affonso VI, drama historico em 5 actos, em verso, idem a 12 de março de 1890.

Alcacer-Kibir, drama historico em 5 actos, em verso, idem a 14 de março de 1891.

Os velhos, comedia em 3 actos, idem a 11 de março de 1893.

(Esta peça foi traduzida por Henry Maubel e representada no theatro do Parque, de Bruxellas, a 17 de janeiro de 1907.)

O pantano, drama em 4 actos, filiado na escola de Ibsen, representado em D. Maria, em novembro de 1894.

A toutinegra real, drama em 4 actos, expressamente escripto para uma *tournée* da actriz Virgina e por ella levado á scena no theatro do Principe Real do Porto a 29 de julho de 1895.

Rosa Engeitada, drama popular em 5 actos e 6 quadros, dado no Principe Real em 1901.

Os dois barcos, peça em 1 acto, em verso, feita a pedido do actor João Rosa e levada em seu beneficio, no D. Amelia, em 1902.

O Poeta e a Saudade, dialogo em verso, recitado por Virginia e Ferreira da Silva, em D. Maria, a 3 de maio de 1903.

Amor de Perdição, drama em 7 quadros, extrahido do romance de Camillo, representado em D. Maria a 11 de março de 1904.

Casamento e Mortalha, comedia em 2 actos, idem a 23 de abril de 1904.

O Dorminhoco, monologo recitado pelo actor Silvestre Alegrim, no Gymnasio, a 5 de outubro de 1904.

Auto do Menino Jesus, com musica do reverendo José Couceiro, representado no theatri

Os ultimos versos de D. João da Camara

Os versos que vão lêr-se, são os ultimos do poeta, quando vergado ao profundo desgosto da perda de seu estremecido irmão Conde da Ribeira Grande, a morte lhe andava proxima tambem.

Escreveu os depois da chegada dos expedicionarios a pedido de alguns oficiaes da armada, para um himno cuja musica é composta pelo sr. Cheu.

Pela illustre familia de D. João da Camara nos foi facultado o rascunho destes versos, que adeante reproduzimos em autografo, como uma preciosa recordação do saudoso poeta:

CÔRO

D'oiro surge nos céos uma aurora!
Povo heroico, desperta!... E' cantar!
Já no azul novo sol brilha agora
E da patria illumina o altar!

VOZ

Sangue bom de valentes soldados
Poz no céo d'uma aurora os rubins!
Patria, chora os heroes bem amados,
Patria acorda ao clamor dos clarins!

CÔRO

D'oiro surge nos céos uma aurora!
etc.

VOZ

Nobre exemplo hoje aos netos legaram
Os que seguem lições dos avós;
Uns aos outros na historia os comparam;
Velha patria, de novo ergue a voz.

CÔRO

D'oiro surge nos céos uma aurora!
etc.

JOAO DA CAMARA.

A bandeira da patria a fulgir.

Resplandecente

D'oiro surge nos céos uma aurora!
Já no azul novo sol brilha agora
E da patria illumina o altar

Sangue bom de valentes soldados
Poz no céo d'uma aurora os rubins!
Patria chora os heroes bem amados
Patria, acorda ao clamor dos clarins!

Nobre exemplo hoje aos netos legaram
Os que seguem lições dos avós;
Uns aos outros na historia os comparam,
Velha patria, de novo ergue a voz

---

de Shakespeare, que esteve para subir á scena em 1898, no theatro de D. Amelia, e que se acha actualmente entregue á empreza de D. Maria.

D. João da Camara deixa mais, disseminados pelos jornaes, revistas e almanachs muitos e deliciosos contos e poesias, em que sempre deixava a nota do seu inconfundivel lyrismo; e publicados em volume, constituindo successos de livraria, os romances originaes *El-Rei e o Conde de Castello Melhor*; o *Livro de leitura para as escolas primarias*, de collaboração com Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão; *Novas do outro mundo, carta de João de Deus aos estudantes*, em verso; *Dôr bemdita*, traducção da *Bonne Souffrance* de François Coppée; e a *Cidade*, collecção de versos, que sahiram do prélo já depois do seu fallecimento.

Aqui, no OCCIDENTE, e succedendo a dois outros brilhantes espiritos, — como eram Guilherme de Azevedo e Gervasio Lobato, — deixa elle nas *Chronicas Occidentaes*, o relato dos principaes factos passados durante 12 annos, feito na forma elegante e singela que lhe admiravamos e que lhe dava os fóros de prosador distincto.

D. João da Camara era a bondade em pessoa, e, apezar de ser um consagrado e de descender, como acima dizemos, da mais nobre estirpe, tendo talvez em vista a phrase latina *Omnis virtus est mediocritas*, era dotado d'uma modestia de trajo e de maneiras que a todos encantava, grangeando a estima e a veneração dos mais altos aos mais humildes. E d'esta affirmativa faz prova o seu concorridissimo funeral e o sentimento manifestado pelas differentes camadas sociaes, desde a familia real ao poeta popular Carlos Harrington, esse pobre bohemio que, a chorar, depoz no feretro um lindo ramo de flores.

PEDRO PINTO.

CONDE DA RIBEIRA GRANDE

Era o ilustre fidalgo irmão de D. João da Camara e tanto se queriam os dois, que juntos aqui lhes é prestada homenagem á sua memoria.

Quem o diria, vendo o nobre mordomo-mór de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, alquebrado e envelhecido, mais pelos sofrimentos do que pelos annos, pois só contava sessenta e

CONDE DA RIBEIRA GRANDE

quatro, e vendo D. João da Camara com sua robusta aparencia e fartos cabellos pretos, que os dois tanto se haviam de aproximar na morte, sobrevivendo apenas o mais novo 18 dias ao mais velho!

D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara era o 9.º conde da Ribeira Grande, filho do marquês da Ribeira Grande e descendente por varonia de João Zarco da Camara, o descobridor da ilha da Madeira a que lhe foi dado o sinhorio, e de D. Anna da Piedade Bragança (Lafões).

Era, pois, da nobreza mais antiga destes reinos e da mais fidalga em toda a extenção da palavra.

Cursou estudos superiores na universidade de Louvain (Belgica) onde tomou o grau de doutor em letras.

Casou pela primeira vez com D. Luiza de Sousa Holstein, filha dos duques de Palméla, e em segundas nupcias com D. Maria Helena do Ceu da Cunha e Lemos, da Casa do Corvo.

Deixa tres filhos, os srs. D. Vicente Gonçalves Zarco da Camara, 10.º conde da Ribeira Grande, casado com a sr.ª D. Maria da Puresa de Vasconcellos e Sousa (Castello Melhor); D. Rui Gonçalves Zarco da Camara; D. Maria José Gonçalves Zarco da Camara, casada com o sr. Fonseca Viterbo.

O falecido era par do reino hereditario e foi adido á legação portuguêsa junto do Vaticano.

Quer por parte de seu pae, quer por parte de sua mãe, o falecido Conde da Ribeira Grande era aparentado com a primeira aristocracia de Portugal, tendo tambem ligações de parentesco, por sua mãe, com nobres familias francesas.

Pela finura de seu espirito ilustrado e inteligente, como pela extrema bondade do seu coração e puresa dos mais elevados sentimentos, sua figura destacava na côrte e de todos era amado e querido.

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, que carinhosamente o estimava, quasi lhe assistio á morte, pois o visitou frequentes vezes quando elle estava doente, e foi poucas horas depois de uma dessas visitas, que o venerando fidalgo expirou, no dia 15 de dezembro, ás tres horas e meia da tarde, no seu palacio da Junqueira.

A D. João da Camara

Como é doloroso cumprir certos deveres!

O coração maguado, aturdido o espirito, não se encontram palavras que exprimam nosso sentir, quando só as lagrimas dizem tudo. E quantas vimos a deslisar por faces masculas.

Nota-se muita vez a imponencia dos grandes cortejos. O que, porém, acompanhou D. João da Camara, foi além de imponente, comovente, porque funda era a comoção de quantos o formavam.

Não se impunham as pompas funebres, de ricos couches de argenteas douraduras, tirados a triplices parelhas cobertas de longos crepes. Uma modesta traquitana conduzia o corpo e cobrindo a urna o vulgar pano de veludo; algumas flôres estremeciam sobre o tejadilho e seriam essas a decoração preferida do poeta. No ar a vaga tristeza de dia de inverno, frio como a morte, e assim foi na ultima jornada o mistico autor da *Meia Noite*, a obra em que elle mais revelou toda a puresa de sua alma.

No longo curso que o funebre cortejo seguio, desde a Junqueira até ao alto de S. João, veio passar por aquellas hortas, que foram teatro de uma das cenas da *Rosa Engeitada*, a peça que mais popolarisou o nome de D. João da Camara. E era naquellas hortas, restaurantes ao ar livre, por onde o luar se escôa atravez do parreiral, que o poeta muitas noites vinha cear na intimidade de amigos que muito lhe queriam e, como elle, não desdenhavam do bom português peixe frito e salada. Era o seu desafogo de quando em vez, para se furtar ao prosaismo das quatro paredes da sua casa de jantar.

Pois lá passou como a dizer-lhes o ultimo adeus. E as arvores despidas, tristes, pareciam chorar balouçando nos troncos sêcos as gôtas da ultima chuva cahida.

Este modesto funeral, tão modesto como o ilustre morto que ali ia, engrandece-o o grande e sincero sentimento de todos que o acompanhavam, teve a eloquencia da dôr, o recolhimento piedoso dos espiritos.

Dizem poetas que o poeta não morre, porque, sentem que sua obra não morrerá.

Os crentes tambem dizem, e é de fé, que a alma se evola do corpo para uma existencia eterna.

Que o materialismo nos deixe esta doce crença, como a deixou á alma boa de D. João da Camara.

A sua vida foi toda de bem querer. O proximo não foi para elle coisa indiferente. Amou-o tanto como aos seus proprios, e para ambos trabalhou.

As contrariedades do mundo nunca o fizeram soltar um queixume. Quando a morte lhe roçava já com sua aza negra, e a familia, em volta, mal continha as lagrimas do apartamento, é elle que a anima e, entre os conselhos paternaes que lega a seus filhos, lhes diz:

«Não chorem porque ainda todos juntos nós havemos de estar muito alegres».

E balbuciando mais uma ultima oração, espirou.

CAETANO ALBERTO.

Os autores do *Burro do sr. Alcaide* — Gervasio Lobato, D. João da Camara e Ciriaco Cardoso

UM DESENHO DE RAFAEL BORDALLO PINHEIRO